

SCHULER, Donald. "Cantografia" e a intenção de conciliar a arte vocal com a arte dos signos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 02 fev. 1983.

'Cantografia' e a intenção de conciliar a arte vocal com a arte dos signos

O Estado
2.2.83

DONALDO SCHULER

Percebe-se na poesia recente tensão entre canto e grafia. A poesia, que nasce como canto, acentua a partir das experiências de Mallarmé a sua natureza gráfica. Embora o experimentalismo gráfico não represente necessariamente ruptura com a música, desorganiza, entretanto, o tonalismo musical, substituindo-o por efeitos sonoros de outra ordem. Dissolvem-se o verso e o ritmo, apoios do canto, em benefício do espaço em branco da fragmentação da sintaxe e das palavras, enveredando para a exploração da visualidade. Nesta vertente, surgem a "Anti-Ode" de João Cabral e as construções da poesia concreta. Movimento paralelo notamos em algumas correntes do pensamento contemporâneo. Derrida, em "Gramatologia", declara o fim do logocentrismo e da metafísica, colocando em lugar do fundamento a separação, a fenda, o traço.

"Cantografia", de Carlos Vogt (Massao Ohno, 1982), busca, já no título, apagar a hostilidade dos pólos em conflito. "Cantografia" oculta sem elidir cartografia, na clara intenção de conciliar a arte vocal e a arte dos signos. Ao definir os termos centrais que sustentam o livro, o poeta ensina: "cartógrafo: navegador e sereia". Define-se com isto a si mesmo. Como cartógrafo, o poeta navega pelo variado mundo do livro e produz, ele mesmo, o fascinante canto das sereias. O canto emerge não só nas quadrinhas ao gosto popular e nos sonetos, como também nos poemas de vária feitura que preservam versos isomorfos ou não.

O "Léxico" orienta ainda: "Cantografia: o itinerário do carteiro cartógrafo". Completo está o perfil do poeta, unidade composta de sereia, navegador, cartógrafo e carteiro.

Na qualidade de cartógrafo, o poeta volta-se para a realidade e a distribui no mapa. A carta geográfica não coincide com a realidade, mostra-se, ao contrário, como simulacro reduzido a diminutas proporções. Precisamos destes simulacros para nos orientar num espaço que de outra forma não lograríamos abarcar. Em lugar de vivermos em contato direto com as coisas, nos

movemos num universo de sinais-segurança nossa e nosso exílio. Entre a carta e a realidade representada abre-se distância crítica e o poeta a exerce em cáustica agressão participante:

"Longe dia de março de mil novecentas amarguras."

"Amarguras" se sobrepõe ao ano da última convulsão brasileira. O signo, em lugar do referente, em vez da informação objetiva, dá o comentário. Neste universo signico, o poeta realiza inventivas acrobacias, nas quais se demora Antônio Cândido ao apresentar o livro. Estas representam a parte gráfica do livro, que retém as conquistas das vanguardas dos anos 70:

"O riso é um risco que se apaga com o erro."

Vista a semelhança gráfica e sonora de riso e risco, o riso sofre a mesma corrosão que ameaça o risco. Carlos Vogt acompanha, entretanto, o salto contencioso-participante que os concretistas anunciaram no início dos anos 60. Preocupado com o sentido das coisas, não se contenta com os traços armados no papel. Em nome do sentido, penetra na vida pública e privada.

No entanto, a construção da unidade que o mapa deveria realizar permanece nas intenções. Na realidade, navegamos num mundo estilhaçado de que os elos se perderam. E aqui caímos nas duras exigências da modernidade. Os que buscam a unidade não recolhem mais que fragmentos. A isto leva uma outra associação de carta, tomada no sentido de mensagem escrita. O poeta não é apenas carteiro, como declara no "Léxico", é também autor de cartas e o livro apresenta-se como reunião de cartas e de cartões postais de vária origem e de vário endereço. O que mais desconexo do que uma seqüência de cartas surgidas ao sabor dos sentimentos e dos acontecimentos? A visão globalizadora que estabeleceria o nexo dos documentos dispersos não a realiza o poeta. Esta falência marca a literatura do Ocidente desde meados do século passado.

Merece destaque o projeto gráfico de João Baptista Costa Aguiar. O visual e o verbal, embora diversos na origem, concorrem no efeito comum.